

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/ PUC – SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
CAMPUS SANTANA**

MARÇAL ALVES LIMA

MARIA, MODELO EVANGELIZADOR DA IGREJA

São Paulo

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/ PUC – SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
CAMPUS SANTANA

MARÇAL ALVES LIMA

MARIA, MODELO EVANGELIZADOR DA IGREJA

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Teologia, sob orientação da Prof. Dr. Pedro Iwashta.

São Paulo

2016

Avaliação Final:

Nota obtida: _____

Assinatura do Orientador: _____

DEDICATÓRIA

Este trabalho é todo dedicado aos meus familiares que entenderam as necessidades do estudo e me incentivaram, colaborando para realização deste trabalho. Agradeço aos meus familiares que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero também as minhas filhas, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimento. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus pais, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente minha gratidão a Deus por ter me chamado à vida. Gratidão à materna intercessão da Virgem Maria, aquela que é a primeira e mais perfeita discípula de Jesus Cristo, por isso coroada pela Santíssima Trindade como Rainha os céus e da terra.

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada, agradeço a meus professores e aos meus colegas que me ajudaram em minha caminhada durante estes 5 anos de estudos. Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial ao Prof. Doutor Pedro Iwashita, responsável pela realização deste trabalho.

Neste momento não posso deixar de fazer memória do curso de teologia para leigos e leigos da Paróquia São Luiz Maria Grion de Monfort do jardim. Rincão, do qual tive alegria de participar durante 7 anos, e agradecer aquele que me inspirou as primeiras reflexões teológicas: Teólogo Jorge Barbosa.

Que Deus abençoe a todos !

*“O Senhor fez em mim maravilhas, Santo é seu
nome”*

(Lc1, 49)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a virgem Maria como modelo evangelizador da Igreja, uma vez que ela é a mais perfeita discípula de Jesus Cristo.

Através da Sagrada Escritura, é possível destacar as características que fizeram de Maria, o modelo do discipulado cristão, tais como: sua entrega total no plano salvífico de Deus, sua fé inabalável no Criador, sua disponibilidade ao serviço, sua missionariedade.

A Tradição da Igreja ensina e afirma a sua maternidade divina e ela sendo mãe da Igreja. No trabalho também visualiza Maria no contexto do Vaticano II assim como no contexto latino americano para além da sua devoção na Igreja.

Palavras chaves: Maria, modelo, mãe, devoção, Concilio Vaticano II.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	9
INTRODUÇÃO GERAL	10
CAPITULO 1: MARIA NO NOVEO TESTAMENTO	12
Introdução	12
1. Maria no Evangelho Segundo Marcos	13
1.1 Maria no Evangelho Segundo Mateus	14
1.2 Maria no Evangelho Segundo Lucas	16
1.3 Maria no Evangelho Segundo João	18
1.4 Maria no Escritos Paulinos	21
1.5 Maria no Livro de Apocalipse	22
Conclusão	23
CAPITULO 2: MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DA IGREJA	24
Introdução	24
2. Maria Mãe de Deus	25
2.1 Fundamentação Bíblica do Dogma	25
2.2 Evolução Histórica da Doutrina de Maria Mãe de Deus	26
2.3 Sentido Teológico da Doutrina de Maria Mãe de Deus	28
2.4 Maria Mãe da Igreja	30
Conclusão	33
CAPITULO 3: MARIA ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO	34
Introdução	34
3. Maria e a Evangelização na Igreja Primitiva	35
3.1 Maria à Luz do Concílio Vaticano II	37
3.2 Maria nas conferências Episcopais Latino Americanas	40
3.3 Devolução Mariana na Igreja	45
Conclusão	48
CONCLUSÃO GERAL	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

ABREVIATURAS E SIGLAS

Ap	Apocalipse
At	Atos dos apóstolos
DAP	Documento de Aparecida
DdM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
Hb	Hebreus
Jo	Evangelho Segundo João
Lc	Evangelho segundo Lucas
LG	Lumen Gentium
Mc	Evangelho segundo Marcos
MC	Marialis Cultus
Mt	Evangelho segundo Mateus
Sl	Salmos
I Tm	Primeira Timóteo

INTRODUÇÃO GERAL

A virgem Maria é a mulher que sempre ouviu atentamente o chamado de Deus em sua vida e pôde colaborar com o projeto do Senhor. Mesmo nos momentos mais difíceis da Encarnação de seu Filho Jesus Cristo e no início da formação da Igreja (cf. At 1,14), ela sempre esteve presente, colaborando, colocando-se como seguidora, como fiel discípula. Sua presença sempre se fez notável na fé dos cristãos, sempre vista como um sinal do amor de Deus para com o seu povo. A Igreja, alimentada pela palavra de Deus e pelo testemunho dos santos, anima os fieis a olharem para Maria e da mesma forma que ela, sentirem-se amados por Deus e com exemplo perseverarem na graça que os santifica e transforma os corações.

O presente trabalho pretende destacar alguns pensamentos sobre Maria, fundamentados na Sagrada Escritura, no Magistério da Igreja, no concílio Ecumênico Vaticano II e nas conclusões das conferências Latino-Americanas e do Caribe e em diversos autores com o intuito de que todos possam ver na Virgem Maria um modelo de abertura ao projeto de Deus, portanto, modelo evangelizador da Igreja.

No primeiro capítulo será abordada a temática a respeito de Maria na Sagrada Escritura especialmente no Novo Testamento. Através de algumas perícopes, será descrita a figura histórica da Virgem de Nazaré, destacando-se características pertinentes ao discípulo Cristão. No segundo capítulo será abordado o tema “Maria mãe de Deus e Mãe da Igreja”. Isso será de acordo com a tradição, especialmente pondo em relevo a maternidade divina de Maria na sua compreensão teológica pastoral.

O terceiro capítulo tem como título, ”Maria, estrela da evangelização”. Aqui aborda a missionariedade de Maria e sua devoção, sendo ela modelo missionário da Igreja evangelizante. Sublinha-se a figura de Maria na Igreja primitiva assim como ela é vista no Concílio Vaticano II, sobretudo na Lumen Gentium, que apresenta a Virgem Maria como membro supereminente e absolutamente singular da Igreja.

Maria precedeu os cristãos na fé, pois acreditando na mensagem do anjo, acolheu de modo pleno o mistério da Encarnação (cf. RM 13). A sua vida de mulher confiante em Deus aprofunda-se durante a sua existência. Maria ensina a cada um dos cristãos a viver na fé e a perseverar nesse caminho. Ela aceitou e acreditou na Palavra de Deus e também acolheu integralmente em sua vida, colocando-se totalmente à disposição do projeto de Deus. A exemplo de Maria, a Igreja é exortada a escutar a Palavra, com o intuito de compreender os desígnios de Deus e ser a fiel colaboradora quanto ao seu cumprimento.

O desenvolvimento da reflexão mariológica e do culto à Virgem Maria ao longo dos séculos proporcionou o desvelamento do rosto mariano na Igreja. Maria Santíssima conduz os fieis a Jesus Cristo, princípio da fé, pois está profundamente ligada a Ele. O Senhor reservou uma função singular a sua mãe na Economia da Salvação, por isso os cristãos amam e veneram a Maria fervorosamente. Reconhecem nela um caminho privilegiado em direção a Cristo, supremo mediador.

Através de diversas maneiras, os cristãos demonstram o lugar ocupado por Maria em seus corações, sendo que se aproximam dela com o intuito de estarem em íntima comunhão com o Senhor. Maria é a primeira e mais perfeita discípula de Cristo. Ela é ícone na história da salvação, figura singular na qual toda a Igreja pode se espelhar. Pretende-se, assim, explicitar a relação da virgem Maria com o projeto de salvação, evidenciando o seu caráter de discípula de Jesus Cristo.

CAPÍTULO I

MARIA NO NOVO TESTAMENTO

INTRODUÇÃO

Maria é uma das personagens fundamentais no Novo Testamento. Isso é justamente pela sua colaboração no mistério de Jesus Cristo. São os evangelhos que mais apresentam a figura de Maria. Eles não pretendem dar todas as informações detalhadas para satisfazer a curiosidade sobre Maria de Nazaré, mas sim revelam a chave para melhor entender e acolher o segredo de sua pessoa. Portanto, os evangelhos falam o suficiente sobre a figura de Maria. Por este mesmo motivo, este capítulo pretende apresentar a figura de Maria no Novo Testamento especialmente nos evangelhos, cartas paulinas e o livro de Apocalipse. É importante recordar que a mariologia bíblica segue a perspectiva cristocêntrica e eclesial.

1. Maria no Evangelho Segundo Marcos

O evangelho segundo Marcos fala de Maria, mas não fala sobre ela. Destaca-se que ela é incluída no grupo dos familiares de Jesus, com quem ele rompe os logoi tradicionais para, na liberdade, servir ao reino e ao pai¹. O evangelista Marcos responde em parte à pergunta sobre os “irmãos de Jesus” que até hoje gera polêmica entre os cristãos.

É justo e se faz necessário mergulhar nas perícopes que apresentam Maria no evangelho segundo Marcos. Em primeiro lugar, Mc 3,31-35 apresenta o cenário de Jesus e seus familiares entre os quais se encontra a sua mãe. E é neste perícopo que se esclarece quem faz parte da nova família de Jesus. O fato acontece na casa (Mc 3,20), o lugar no qual a comunidade dos seguidores de Jesus se reúne para ouvi-lo (Mc 2,1-3).

Marcos levanta o véu sobre esse traço tão humano de Maria de Nazaré. A imagem que ele oferece dela é da mulher materialmente solícita pela sorte do filho. Não é de surpreender que, um dia quando se tramava contra a vida de Jesus (Mc 3,6), Maria também acoresse, quase que para induzi-lo a tomar maiores precauções². Ela podia estar entre os primeiros a nutrir preocupações ainda muito humanas pela missão e obra de Jesus.

A intenção precípua de Mc 3,20-21. 31-35 é outra, talvez derivada de alguns parentes de Jesus que viviam no seio da Igreja judeu-cristã³. Marcos, então, adverte a sua comunidade de que o próprio parentesco carnal com o senhor não é título suficiente para segui-lo com a devida disposição. A prova está no fato de que, quando Jesus iniciou o seu ministério público, os seus familiares o procuravam, mas ficando “do lado de fora” (vv.31.32), ou seja, sem penetrar no ministério profundo de sua pessoa, em todas as suas implicações (Mc 4,41). Aqui se percebe claramente que a chegada do Reino de Deus gera um novo tipo de pertença. Só fazem parte efetivamente do grupo íntimo de Jesus os que escutam a sua palavra interpelante e procuram realizar o desejo do pai.

Marcos não mostra nenhuma preocupação em falar algo de Maria, seja bom ou ruim. Se ele nomeia a mãe de Jesus “não é por particular interesse pela sua figura, mas para sublinhar que a nova parentela com Jesus deve ser pensada mesmo como uma verdadeira família, não simplesmente como uma fraternidade (...) A imagem da família diz algo mais

¹ MURAD Afonso. Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.38.

² FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). Dicionário de Mariologia. São Paulo: Paulus, 1995, p. 204.

³ Ibidem, p. 205.

intimo e mais articulado que uma fraternidade (...) os nossa mãe, irmãos e irmã parecem assumir em marcos um significado representativo”⁴.

O outro texto que fala sobre Maria se encontra em Mc 6,1-6. Essa perícopete trata-se da rejeição do projeto na sua própria terra. Transparece no relato a questão importante no que diz respeito à Maria, isto é, Jesus como filho de Maria. Há praticamente quatro hipóteses em relações a este versículo (Mc 6,3-4). Em primeiro lugar, pode-se dizer que Marcos quer enfatizar os traços humanos de Jesus citando o nome de sua mãe. Por outro lado, trata-se de uma primeira alusão de forma indireta, à concepção virginal de Jesus. As demais seriam uma difamação contra Jesus, indicado aos seus parentes, todas pessoas simples do povoado e dado a Jose não é citado talvez porque tivesse morrido. A hipótese mais aceitável é a de indicar que Jesus tinha raízes familiares humildes⁵.

Segundo o evangelista Marcos, Maria é uma das criaturas estreitamente ligada a Jesus pelos laços de sangue. Mesmo assim, ela teve que se elevar a ordem mais alta de valores. As exigências da missão do filho a induziam por vezes a renunciar à suas opiniões de mãe segundo a carne. Concluí-se, portanto, dizendo que entrando na profundidade de compreender que no seguimento de Jesus deve-se superar o laço de dependência em relação à família. Nesse nível de profundidade a figura de Maria “mãe” se harmoniza e se completa com a figura de “discípula”.

1.1 Maria no Evangelho Segundo Mateus

O evangelho segundo Mateus amplia bastante a imagem de Maria. Inclui a narrativa de infância (Mt 1-2) e à luz desta, altera alguns detalhes dos relatos referentes a Maria na vida pública de Jesus⁶. Mateus dá uma descrição a mais na descoberta da figura de Maria, que é a mãe virginal do messias, sob a ação entre a família sanguínea e o grupo dos seguidores de Jesus.

Nos primeiros dois capítulos que Mateus apresenta o testemunho autônomo e próprio sobre Maria. No relato da genealogia, Mateus sublinha a gratuidade com qual Deus introduz as mulheres na corrente originaste do messias. Mateus chama a atenção para Maria como

⁴MURAD Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p.48.

⁵MURAD Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p.51.

⁶Ibidem, p. 54.

instrumento da providência divina no plano messiânico⁷. Em Mt 1,16, o encadeamento paterno que constitui a genealogia soa como o recitar de uma ladainha e é interrompido: “Jacó gerou José, o esposo de Maria da qual nasceu Jesus chamado cristo”. Afirma-se claramente José não é o pai biológico de Jesus, Maria é a mãe e prepara-se assim o tema da concepção virginal.

No relato de anunciação (Mt 1,18-25), a mensagem do relato resume-se em: o nascimento de Jesus se deve à ação do Espírito Santo em Maria. Em certo momento José se dá conta deste mistério e, com a ajuda de Deus, acolhe-o com humildade. Recebe Maria como sua mulher, embora ela já estivesse grávida de um filho que não era seu. Embora Maria apareça como alguém contemplada pela ação divina, não se faz nenhuma referência às suas atitudes pessoais. Ela não age diretamente, nem fala⁸. Mateus veicula um duplo dado: concebeu por obra do Espírito Santo (v. 18.22) e permanece assim até que Jesus nascesse (v.24)

Em Mateus, quanto à vida pública de Jesus, Maria tem uma posição um pouco diferente daquilo que Marcos apresentam. O relato sobre a hora familiar dos seguidores (Mt 12,46-50) está num contexto diferente do Marcos⁹. Situa-se no final do capítulo 12, que narra os sinais libertadores operados por Jesus e o conseqüente confronto com fariseus e escribas. Antecede as parábolas do reino dos céus no capítulo 13 em que Mateus retira o versículo que fala da incompreensão dos seus familiares. Nesse contexto, Jesus chama sua família a fazer parte da comunidade dos seguidores, os discípulos. Convoca todos, indistintamente, a fazer a vontade do Pai.

A cena do profeta rejeitado em sua própria terra (Mt 13, 53-58), Mateus faz pequenas mudanças no texto que recebeu de Marcos, também relatando a incredibilidade do povo de Nazaré¹⁰: no lugar da expressão “Filho da Maria”, usa “filho do carpinteiro”. Em outros momentos, ao citar os que rejeitam ao profeta, retira “a parentela”, embora o termo “sua casa” mantenha a alusão ao núcleo familiar mais próximo, permanecendo, de qualquer forma, o

⁷MURAD Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p.61.

⁸MURAD Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p.63.

⁹MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.46.

¹⁰ *Ibidem*, p 46.

impacto. Depois de anunciar parábolas tão expressivas, que falam do mistério do Reino, Jesus se confrontará com a falta de fé de seus conterrâneos, que se escandalizam dele.

Portanto, a interpretação da comunidade eclesial sobre Maria dá um passo significativo em Mateus. Maria é vista como a mãe virginal de Jesus, por ação do Espírito Santo. Dela não transparece ainda qualquer atitude ou postura de vida. Tal apresentação sóbria se explica em parte pela mentalidade judaica, da qual compartilhar Mateus, de considerar preferencialmente os homens, do sexo masculino, como protagonistas dos fatos. Não se reconhece um lugar para a mulher, fora da família e da casa. Limitada a esta perspectiva, a figura de Maria é restrita à concepção virginal e à maternidade. Por fim, o evangelista elimina a possibilidade de que a família biológica de Jesus, incluída Maria, tivesse dificuldade em compreender a sua proposta.

1.2 Maria no Evangelho Segundo Lucas

Lucas é o evangelista que mais fala de Maria. De um total de cento e cinquenta e dois versículos do Novo Testamento relativos à virgem, nada menos que oitenta e nove aparecem no terceiro evangelho¹¹. Diversos conteúdos desses versículos estão desenvolvidos em: mãe de Deus, Rainha, virgem, filha de Sião, magnificat e sábia.

Logo no relato da Anunciação, Maria acolhe a proposta de Deus (Lc 1,26-38). Disponível a Deus pelo seu “sim”, Maria une a liberdade com a vontade. Neste sentido, Maria escutou a palavra, acolhe-a no coração. Abriu seu espaço interior, deixou Deus entrar, saiu de si e investiu sua vida num grande projeto, a qual sentiu-se chamada. Neste contexto, Maria é apresentada por Lucas como a primeira discípula crista. Com a anunciação, ela inicia um longo caminhando de peregrinação na fé ao responder ao apelo de Deus, aceitando a proposta do Senhor com coração aberto num grande gesto de generosidade e de fé.

Por duas vezes Lucas diz que Maria guarda no coração os acontecimentos e procura descobrir o seu sentido (Lc 2, 19.51). Na primeira vez, depois do Nascimento de Jesus (Lc 2,19). Ela está contente e surpresa, como toda jovem mãe. Segunda vez, o menino está crescido. Jesus se encontra no templo, conversando com os doutores, ouve e questiona. Diz uma frase que Maria e José não compreendam: “você não sabiam que devo estar na casa do

¹¹ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 209.

meu Pai?” (Lc 2,46-49). Maria mesmo sem entender, quando o evangelista põe duas vezes essa mesma atitude no começo no fim da “vida familiar” de Jesus, quer dizer que era algo constante em Maria.

Lucas conta que logo depois da anunciação, Maria sai à pressa para visitar sua prima Isabel, saindo de Nazaré da Galileia para a Judéia (Lc 1,39-45). Aqui, embora Lucas não tivesse tal intenção, a leitura do texto apresenta Maria como missionária. O evangelista põe na boca de Isabel um louvor que faz duas passagens das escrituras judaicas nas quais reconhece a participação de mulheres especiais na luta do povo de Deus. Maria é colocada, assim, dentro da história das mulheres fortes do povo de Israel que contribuíram para mudar a sorte da sua nação: “Bendita entre as mulheres”, encarnando com fé a Palavra de Deus, guardando-a no coração, colocando-a em prática e dando frutos.

O evangelho segundo Lucas conta que Jesus caminha à frente dos seus discípulos, em direção a Jerusalém. Trata-se de um longo trajeto, de Lucas 9,51 a 19,28. Maria sendo a perfeita discípula de Jesus deu um “sim” decidido a Deus quando era muito jovem e iniciou uma travessia na fé, sem saber em detalhes o que iria acontecer¹², experiência de fé composta do risco, abertura ao novo e passar pela incerteza da noite escura. Maria renovou seu compromisso com Deus muitas vezes para manter-se na rota e não parar no caminho.

Na cena da apresentação de Jesus, Simeão dirige a palavra a Maria: “este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição-uma espada traspassara a tua alma! - e assim serão revelados os pensamentos de muitos corações” (Lc 2,34s). À luz de Is 49,2 e Hb 4,12s, compreende-se que a espada significa a palavra viva de Deus, que é o próprio Jesus. Ora, Maria foi desafiada pelas palavras e atitudes de Jesus, que eram muito diferentes das pessoas do seu tempo. À medida que Jesus diz ou faz algo novo, Maria se sente chamada a dar mais um passo na fé. Ela vive a experiência original do seguidor de Jesus.

Maria no *magnificat* se veste de duas grandes características, a saber: a consciência profética e social e a estreita relação de Maria com o Espírito Santo. Para Lucas, Maria é uma mulher pobre, mas não miserável¹³. A pobreza não lhe destruía a dignidade, tinha um coração,

¹²MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.62.

¹³MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.70.

aberto para Deus e voltava-se para a superação da pobreza. Seguindo a trilha dos profetas e do seu filho, Jesus, Maria anuncia que Deus tem compaixão dos pobres e lhes oferece uma nova possibilidade da convivência social. Lucas não idealiza a pobreza, mas sim alerta que o apego à materialidade das coisas afasta ou pessoas de Deus. Maria, uma mulher simples de Nazaré, compreende a originalidade do reino de Deus.

No cântico de *magnificat* (Lc 1,46-50) ressoa o apelo por novas relações interpessoais, econômicas, políticas, culturais e ecológicas. Maria simboliza o ser humano em construção, aberto a Deus, tocado pelo Espírito Santo, que cultiva um coração solidário. Ela é apresentada também como mulher toda de Deus e com consciência da história, da luta e da esperança do seu povo. O cântico de Maria, portanto traz as esperanças dos profetas de que, com o messias, virá um tempo de justiça e felicidade para todos. Assim a virgem do *magnificat* é uma mulher realista, de olhos abertos sobre o mundo, desmascarando toda a situação de injustiça assim como vivenciando essa saída de si e perde-se em Deus.

Resumidamente, em Lucas, Maria é a destinatária direta do acontecimento da anunciação, em que o mensageiro de Deus, Gabriel, transmite a Palavra divina. Recorda-se que o sim de Maria é possibilitado e sustentado pelo Espírito Santo é realizado em liberdade. Diferentemente dos outros escritores bíblicos, em Lucas pode falar-se de uma acentuação mariológica consciente. Traça uma imagem de Maria em que aparece tanto a figura histórica em sua singularidade pessoal e humana como tipo de encontro divino humano. É a agraciada, a quem Deus, o Senhor, promete uma proximidade singular, que ela aceita, por meio de sua resposta afirmativa em sua própria vida e em sua biografia com Jesus Cristo. Em seu evangelho, Lucas interpretou seus enunciados mariológicos a partir do acontecimento de Cristo no marco da ação de Espírito de Deus Pai.

1.3 Maria no Evangelho Segundo João

No quarto Evangelho, Maria aparece dez vezes¹⁴. Os textos são elaborados com cuidado. Não está ali por acaso. Maria atua na realização do primeiro sinal de Jesus em Caná, quando ele inicia sua missão pública (Jo 2,1-11)- ela permanece junto à cruz, no momento da morte do Senhor, no final de sua missão nesse mundo. (Jo 19, 25-27). Ao colocar Maria no

¹⁴MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.90.

início e no ápice de atuação de Jesus, João está dizendo que ela tem um lugar especial, pois este presente nos momentos mais importante da vida de Jesus.

Nos dois episódios nos quais Maria aparece no Evangelho segundo João, existe uma conexão recíproca. Em primeiro lugar, em ambos está a virgem Maria presente, que é apresentada não com seu nome própria (Maria), mas sim com o título de “Mãe de Jesus”¹⁵. Por outro lado, a ‘hora’ de Jesus, não chegada ainda em Caná (Jo 2,4), é chegada sobre o calvário (Jo 19,27), onde Jesus passa deste mundo ao Pai (Jo 13,1). De fato, a “hora” de Jesus, segundo João, compreende como um todo único paixão- morte-ressurreição. Ora, o episódio de Caná tem um significado evidentemente messiânico, como vimos. Se o prodígio de Caná é de caráter messiânico, isto é, se diz respeito à obra do messias enquanto tal é de presumir que também a presença de Maria tenha uma importância análoga. Dissemos que as duas são complementares. Ambas referem-se à salvação universal realizada por Jesus.

Recorda-se que João apresenta o conjunto da obra história de Jesus a partir do tema fundamental da revelação da glória divina que ele tinha, junto ao Pai, já antes do início do mundo¹⁶. Através da revelação da glória divina Jesus conduz seus discípulos à fé. Na fé e no amor, os discípulos participam da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo no amor de Deus, um amor que é sua própria essência (Jo 17, 24).

O relato de Jesus sobre Caná apresenta Maria como a mãe da comunidade cristã, que estimula os servidores e amigos de Jesus a realizarem sua vontade. Ela ajuda os discípulos a ter fé em Jesus e a se reunir em torno dele. Em Caná, Maria revela os traços de “discípula-mãe”, que leva os servidores a realizar o que Jesus lhe diz. O sinal de cana abre-se supressa de Deus que irrompe a história, trazendo alegria e esperança. Aqui Maria tem uma atuação discreta e firme.

Em Caná deseja chamar a atenção. Sobre a presença de Maria (Jo 2,1). Mas seu nome não é mencionado, é simplesmente a mãe de Jesus. João se interessa por Maria como “a mãe”, na qual o verbo se fez carne “e habitou entre nós” (Jo 1,14). A presença de Maria ali, como figura do povo de Israel, deve, no entanto completar-se com transito para o novo povo de Deus¹⁷. Para muitos autores, a frase de Maria não é propriamente o pedido de um milagre.

¹⁵AUTRAN Maria Aleixo. *Maria na Bíblia*. São Paulo: Editora Ave-Maria,1998, p. 250.

¹⁶ MULLER Gerhard. *Dogmática Católica, teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Editora vozes, 2014, p. 348.

¹⁷GONZÁLEZ Ignacio Carlos. *Maria evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: editora Loyola, 1990, P.139.

Altamente simbólica, representando o antigo Israel fiel. Maria coloca diante de Jesus a falta de vinho, portanto, um sinal da salvação messiânica. Maria não parece interceder necessariamente por um milagre, mas apenas pede o seu filho que de algum modo, ajude os noivos. A resposta de Jesus, de difícil interpretação. É a chave para captar o sentido das palavras de Maria quando expõe essa necessidade.

Maria, aberta ao sinal, mesmo sem tê-lo pedido expressamente, é a mulher que crê o Israel fiel. Portanto, a fé de Maria, nessa narração teologizada, é o trânsito da Antiga para a Nova Aliança. João apresenta Maria como uma figura: em primeiro lugar, do Israel que crê, como já vimos, em segundo (v2, 12), da Igreja nova Israel, constituído pelos discípulos, os irmãos de Jesus, que é a cabeça. Neste relato pode-se dizer que Maria aparece como “mediadora do mediador”, intercessor ou interventor diante do filho, o único “mediador” verdadeiro. É uma mediação participada.

Já no relato da cruz, aparentemente, não há uma ação direta de Maria. Sua presença junto a Jesus, com outras mulheres e o discípulo amado, sinaliza o amor que persevera. Ela é apresentada por Jesus como a mãe de comunidade do discípulo amado. Nas palavras de Jesus a Maria, “mulher, aí está o teu filho” e ao discípulo “aí esta a tua mãe”, bem como por meio da afirmação. “E desde àquela hora o discípulo tomou-a sob seus cuidados” (Jo 19,26s), se traduz o contendo espiritual da relação mãe e filho entre Jesus e Maria para a relação entre Maria e a Igreja. É evidente que, para a comunidade joanina, Maria é a maior figura da fé e do seguimento perfeito porque foi em si mesma inteiramente uma referência a Jesus, testemunha a existência histórica de Jesus como ser humano. Ao mesmo tempo é a testemunha da glória da divindade de Jesus, de cuja plenitude todos recebe graça sobre graça.

O episódio de Maria aos pés da cruz tem em João uma importância central e mesmo culminante. Tanto mais que se trata da “hora” suprema, tão falada e tão suspirada por Jesus: a hora da exaltação na cruz (Jo 12,27). Maria, portanto, aparece em João com uma figura altíssima, pois que é posta no pico mais alto do seu evangelho¹⁸.

À luz dessa cena fica claro que o mistério de Maria mãe dos discípulos, é o fecho a e coroa a obra de Cristo e, por conseguinte, o caminho de fé de todo cristão. Sem Maria, não há cristianismo, “consumado”, isto é, ao patrimônio dos bens espirituais que Cristo confiou aos discípulos amados. Portanto, é impossível ser “discípulo amado, ou seja, um cristão perfeito, sem acolher Maria na casa da própria fé”.

¹⁸BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p.82.

Em síntese, a mariologia de João apresenta a mãe de Jesus como a mediadora da fé (em Caná), a mãe da comunidade de fé (aos pés da cruz). A cena de Caná e junto aos pés da cruz são realmente centrais. São colocadas em momentos decisivos do ministério de Jesus: Caná representa o momento da inauguração da vida pública enquanto o calvário é o momento culminante da “hora”: a exaltação de Jesus na cruz. Não por nada os dois episódios estão ligados entre si.

1.4 Maria nos Escritos Paulinos

As cartas do Paulo não relatam praticamente nada sobre Maria, mãe de Jesus. O silêncio é compreensível. Grande parte das epístolas paulinas foi escrito antes dos evangelhos¹⁹. Nesta época ainda não estava desenvolvida a consciência a respeito do papel de Maria na comunidade cristã. Além disso, o próprio Paulo, pelo fato de não ter vivido com Jesus, relata pouquíssimos fatos a respeito de Jesus de Nazaré e sua missão de inaugurar o Reino de Deus. Ele reflete, sobretudo sobre o sentido de morte e da ressurreição de Jesus.

Há somente um texto de Paulo pelo qual se alude a Maria. Ela não é citada pelo nome, nem se diz nada de suas qualidades. Trata-se de Gl 4, 4-5, “quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sujeito à lei, para resgatar os que eram sujeitos à lei, e todos receberam a dignidade de filhos”. Embora não haja consenso a respeito do conteúdo mariano de Gl 4,4-5. O certo é que Paulo reforça a realidade da encarnação filho de Deus com a expressão “nascida da mulher”.

O sentido mariológico nesta carta é genérico. Indica simplesmente a “condição humana” especialmente em seu aspecto fraco e mortal²⁰. Paulo não diz exatamente “nascido” mas “feito”, talvez para dar a entender que o filho preexistia desde sempre. Ele não vinha do nada. Por outro lado, “feito de mulher” é uma expressão de kénose de Cristo. Por isso mesmo que ser “filho de mulher”, daria para dizer que esta mulher é Maria. O texto também traz consigo um interesse cristológico. É Jesus o foco de todo o texto, sendo Maria apenas figura de contraste em relação a ‘filiação divina’. Portanto, só indireta e incidentalmente Gl 4,4 é mariologia. Além disso, Maria, nesse texto, permanece anônima, não é nomeada, mas apenas

¹⁹MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.114.

²⁰BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p. 38.

designada como a “mulher”. Maria neste caso só entra aí em função de Cristo, como instrumento análise pessoal de sua vida.

Gálatas 4,4 é um dos poucos textos de Paulo que falam do mistério propriamente dito da encarnação²¹. Portanto, deixa o princípio de toda a mariologia que é a maternidade humana de Maria na encarnação redentora do filho de Deus. Note-se que Maria, a mulher, é quem introduz Jesus na nossa história e o vincula para sempre à humanidade que precisava de redenção.

Pode-se concluir, portanto que Gl 4,4 contém uma mariologia “germinal”. Pois mesmo se como o evangelista Marcos, Paulo em sua mente, não atinou com o “mistério” de Maria. Seu texto carrega objetivamente uma mariologia “em germe”. Vê-se neste texto dados mariologia básicos. Em primeiro lugar, no arco da história da salvação, Maria se situa precisamente no tempo da plenitude. Ela está estritamente relacionada com o filho e com seu ‘envio’. Aqui mariologia aparece como absolutamente cristocêntrica. O filho de Deus torna-se filho de Maria. Ela serve de caminho para a vinda do Deus até nós em seu filho. Portanto Maria possibilita a adoção filial.

1.5 Maria no Livro de Apocalipse

O fato mariológico aparece em Apocalipse 12. Aqui o sinal da mulher que é símbolo do Israel de Deus a predestinado e não obstante exposto à raiva da serpente das origens (12,9)²². Essa mulher, gritando em dores de parte, representa a esperança de vida que existe no coração de todos, sobretudo dos pobres. Esperança ao mesmo tempo, frágil e forte. É frágil como a mulher na hora de dar à luz. Não tem defesa nem pode lutar, pois está totalmente entregue a doar a vida nova a um novo ser humano. Mas por isso mesmo ela é forte, o ser mais forte do mundo, sem as mulheres frágeis com coragem de dar à luz, a vida já teria cessado sobre a face da terra e nós não teríamos nascido.

²¹AUTRAN Maria Aleixo. *Maria na Bíblia*. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1998, p.27.

²²MAGGIANI S., verbete Maria in: LACOSTE Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Edições Loyola e Paulinas, 2004, p. 1090.

Conclusão

A trajetória desse primeiro capítulo desvela uma leitura no interior do Novo Testamento no que diz respeito à Maria. Ela vai de Marcos ao *corpus* joanino, dando Lucas um lugar central. A constatação desse aprofundamento legitima o desenvolvimento da tradição ulterior que desembocará na proclamação de Maria como “theotokos”, mãe de Deus.

Na tradição neotestamentária, Maria é serva, eleita pela graça do Espírito Santo, da vida escatológica do Filho de Deus, como ser humano entre nós. Por outro lado, Maria é para a nova aliança, o protótipo da relação de palavra de fé (amor). Assim, Maria se converte no tipo e ideal do ser humano crente e da Igreja, do povo de Deus da nova aliança. A continuidade interna que vai de Israel à Igreja se sugere também por meio de Ap12, 1-8, uma passagem que exerceu uma considerável influência: “Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” um dragão aparece diante da mulher para devorar a ela e ao filho que dará à luz.

Ademais, Maria é mãe do senhor (Deus), que assumiu dela seu ser humano por meio da eficácia casual exclusiva do poder do Espírito divino. Maria, no entanto, assumiu essa graça como tarefa e na sua relação com Jesus e com a comunidade salvífica da Igreja surgida dela transformou-a ativamente em fé a esperança e caridade. O testemunho da maternidade virginal divina de Maria é a afirmação bíblica fundamental sobre Maria e sobre todos os enunciados de fé da Igreja sobre ela, bem como a base de todo o culto Maria.

CAPÍTULO II

MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DA IGREJA

Introdução

Partindo de uma perspectiva, em que Cristo, corpo místico da igreja, provém do grande mistério de sua encarnação onde Maria torna-se templo sagrado de Deus, por obra do Espírito Santo, que se faz presente na anunciação do anjo, como Mãe do filho de Deus.

Desse modo, pode se dizer que a antropologia é concretizada por Maria. Isto é, Maria faz uma boa ponte entre a obra salvífica de Cristo, na qual Deus deu a conhecer escatologicamente em sua onipotência universal em magnitude divina, no seu Theotókos. Uma vez que Maria é o modelo da pessoa humana na graça, bem como tipo da Igreja, faz se necessário compreender este caminho antropológico na sua pessoa.

Nesse segundo capítulo apresenta-se uma compreensão teológica da pessoa de Maria como mãe de Deus e mãe da Igreja. Isso já vem daquele entendimento do primeiro capítulo no qual a sagrada escritura especialmente apresenta Maria como mãe de Jesus. Sendo mãe de Deus, em que dá-se o grande mistério das duas naturezas distintas “divina e humana”. Onde na compreensão Teológica nos torna ético e lógico, que Maria torna-se Mãe da Igreja.

2. Maria Mãe de Deus

A Igreja católica recorre a Maria muitas vezes, na oração, como mãe de Deus e mãe dos cristãos. À medida que se avança na compreensão da fé, se questiona “como pode uma mulher receber o título de mãe de Deus, que é o criador, salvador e santificador de todos?” isso se compreende melhor na concepção que Maria é essencialmente a “Mãe de Deus”, toda relativa à Cristo e, a partir de Cristo, relativa à Igreja. A própria sagrada Escritura justifica o fato de Maria ser mãe de Deus. Dessa fundamentação bíblica, evoluiu teologicamente o dogma de *Theotókos*. Portanto, se faz necessário tratar da fundamentação bíblica para chegar à evolução histórica e sentido teológico do dogma da maternidade divina.

2.1 Fundamentação Bíblica do Dogma

Todos os evangelhos afirmam sem sombra de dúvida que Maria de Nazaré é a mãe de Jesus.²³ O evangelista Marcos apresenta Jesus “Filho de Deus” como “filho de Maria”. Nisto ele mostra que Jesus não é um ser divino mitológico. É um ser humano real.²⁴ Numa caracteriza aqui incomum, Jesus é chamado de “filho de Maria” (Mc 6,3).

Mateus, ao se referir à origem de Jesus, chama-a de “Maria, sua mãe” (Mt 1,18) nisso, tem o centro nas enunciado soteriológicos e cristológica sobre o Cristo-messias concebido por Maria por meio do Espírito Santo.

Em Lucas Maria é a destinatária direta do acontecimento da anunciação, em que o anjo Gabriel transmite a palavra divina. Aqui Maria se torna a futura mãe de Jesus. Aqui se parece claramente que a relação filiar do ser humano Jesus com Deus tem seu princípio constitutivo no ser e na ação do próprio Deus.

No quarto Evangelho João nem chama Maria pelo nome. Diz somente: “mãe de Jesus” (Jo 2,1 e 19,25). Entre tanto, é evidente que os evangelistas valorizam muito mais outras características de Maria do que o fato de ser mãe biológica de Jesus.

²³ MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.135.

²⁴ MULLER Gerhard. *Dogmática Católica, teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Editora Vozes, 2014, p.343.

2.2 Evolução Histórica da Doutrina de Maria Mãe de Deus

A maternidade divina é o ministério mais antigo referente à pessoa ao papel de Maria na história da salvação²⁵. É necessário que se faça uma memória histórica do dogma no qual Maria é referida pelo título *Theotókos*. Lembra-se que depois do concílio de Nicéia II, a primeira tentativa de esclarecimento sobre unidade de Cristo e a duplicidade das suas naturezas foi feita por Apolinário de Laodiceia²⁶. Somente com essas condições é que se podia salvar segundo Apolinário, uma real e perfeita unidade do verbo encarnado, e Maria, por ter sido a genitora do verbo encarnado, pode ser chamada *Theotókos*.

É no concílio de Éfeso em 431 que se proclamou o dogma da maternidade divina de Maria. Em Éfeso foi feita a primeira e mais radical tentativa de esclarecer o mistério do verbo encarnado e maternidade divina racionalmente, de modo que permaneçam coerentes com a fé enunciada nos símbolos. A maternidade divina, nesse concílio, ilustrou toda a dimensão e as várias perspectiva bíblica da maternidade de Maria detém-se e praticamente se esgota no texto do prólogo de João e em uma alusão ao texto de Paulo (G1 4,4-5) e ao de Mateus sobre a mãe virgem. Tudo isso se deve à finalidade da polemica ciriliana que era a de explicar e permanecer fiel ao texto do símbolo niceno.²⁷

A proclamação solene da legitimidade do título *Theotókos* e os conteúdos gloriosa que ele implicava para Maria fizeram que, a partir de Éfeso, a divina maternidade tenha passado a construir título único de soberania e de glória para a mãe do verbo encarnado.²⁸ A *theotókos* é encarada, representada, invocada como rainha e senhora por ser mãe do rei e do senhor. Para dar essa dimensão triunfal á maternidade divina, que durante alguns séculos fez passar despercebido a realidade humilde e evangelizadora da serva do Senhor.

Em 451, no concílio de Calcedônia, se trata também de Maria, *Theotókos* como no caso de Éfeso, também nesse concílio, é impossível determinar na doutrina sobre a maternidade divina de Maria sem fazê-la preceder de uma observação sobre a cristologia desses concílios, sobre as polemica que a determinaram e sobre a terminologia com que se

²⁵ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p.781.

²⁶ Ibidem p.782.

²⁷ MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012, p.142.

²⁸ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p.786.

exprime²⁹. Enquanto em Éfeso, Theotókos indica a maternidade em sentido próprio, em Calcedônia significa a maternidade em sentido verdadeiro, já que os monofisistas falavam da carne de Cristo como sendo carne celeste, fruto da obra do Espírito Santo, e, portanto, de maternidade de Maria não verdadeira³⁰. Como conclusão, a respeito da doutrina proclamada em Calcedônia, pode-se dizer que ela manifesta uma evidente preocupação racional com aprofundamento e esclarecedor á encarnação do Verbo e a maternidade divina de Maria seguindo a trilha da reflexão teológica de Éfeso. Também em Calcedônia á maternidade divina não é sujeito direto e principal do discurso, mas acha-se ligada ao discurso cristológico e dele dependente, embora nele se torne a chave para a interpretação de verdadeira unidade no cristo pessoa, subsistente em duas naturezas distintas, mas não separadas ou divididas.(divino e humano).

Por outro lado, o concilio Vaticano II não deixou de lado o tema de Maria mãe de Deus. Isso se deu no mais importante dos seus documentos, isto é a constituição dogmática *Lumen Gentium*, capítulo VIII. Outrossim indicado anteriormente, mas ainda releu-se esse mistério fundamental de Maria no mais claro contexto doutrinal de toda a missão da virgem, considerando a dentro da perspectiva teológica da historia da salvação, isto é a luz do cristo salvador e da Igreja- sacramento salvífico³¹.

O concílio ecumênico Vaticano II ampliou, por conseguinte, os limites do tratado e o aprofundou com critérios interpretações oriundos das mais recentes conquista bíblica e teológica e das indicações científicas e pastorais do mundo e da Igreja hoje. Aqui se recorda que o conceito dinâmico da maternidade divina, que vai desde o ser até o agir por a salvação, ela tem o fulcro fundamental na encarnação, completa-se ao longo do período de duração da via da mãe e do filho, e se aperfeiçoa na história da assunção, quando a fisionomia da mãe se conforma plenamente com a do Filho³². De modo coerente com esse pressuposto, o concílio dá amplo relevo à atitude psicológica e espiritual com que Maria viveu a sua maternidade salvífica, já destacado pelos padres antigos e rerepresentado hoje pela reflexão teológica e pelo magistério. O outro elemento com que o concílio enriquece o conceito teológico da

²⁹ Ibidem p.787.

³⁰ GONZÁLEZ Ignácio Carlos. *Maria evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: editora Loyola, 1990, P.185.

³¹ BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p.119.

³² Constituição Dogmática *Lumen gentium* 56-59.61. As seguintes citações serão abreviadas por LG.

maternidade divina é a dimensão bíblica de serviço com que é apresentada³³. A mãe de Deus é na realidade a serva do Senhor, isto é aquela de interpreta a missão materna segundo a linha religiosa dos servos do Senhor, como serviço prestado ao gênero humano, a fim de que se realize na sua vida a vontade salvífica de Deus³⁴.

A formulação doutrinal em torno da maternidade divina de Maria terá a sua evolução lenta e gradual na terminologia e nos três conteúdos. Com efeito, enquanto nos três primeiros séculos o tema aparece como simples corolário da encarnação do Verbo, o discurso do ultimo englobe diretamente todo o mistério da pessoa e da missão de Maria.

Enquanto em Éfeso e em Calcedônia a preocupação é a de esclarecer a legitimidade e a propriedade da *Theotókos*, deduzindo-a principalmente da verdade da ação divina e humana infusa em Maria, templo sagrado das duas naturezas (Logos). Em Constantinopla e no Concílio do Vaticano II, ela é tratada a partir da perspectiva e segundo a finalidade da salvação, como evento salvífico. Consta-se como gradativamente se vão esclarecendo os temas e se completando os conteúdos, e como se abrem novas pistas de aprofundamento em um processo doutrinal evoluo-o que adquire elementos mais precisos para a reflexão sempre renovada das teologias. O Vaticano II indicam perspectivas, dimensões e critérios que esclarecem não somente a reflexão teológica e a aplicação litúrgica dos nossos dias.

2.3 Sentido Teológico da Doutrina de Maria Mãe de Deus

A maternidade divina de Maria se compreende a partir de cristologia, isto é, como consequências da união hipostática de Jesus. O sentido do título *Theotókos* (*deipara, mater Dei*) consiste na questão cristológica da unidade das duas naturezas de Jesus. Maria não deu à luz um ser humano com o qual posteriormente se uniu o logos, mas deu à luz a pessoa do logos na natureza humana que assumiu a partir dela³⁵.

A plena aceitação deste título, foi o resultado da controvérsia entre a cristologia alexandrina da união, representada por Cirilo de Alexandria, e a cristologia antioquena da separação, defendendo de maneira específica por Nestório³⁶. O primeiro testemunho seguro

³³ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 789.

³⁴ LG 56

³⁵ MULLER Gerhard. *Dogmática Católica, teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Editora vozes, 2014, p. 354.

³⁶ BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p.13.

do título aparece no Bispo Alexandre de Alexandria. Quanto aos conteúdos já se encontra na sagrada escritura onde Maria é designada de mãe do Senhor (Lc 1,43), mãe de Jesus (Jo 2,3), Logos encarnado (Jo 1, 14.18) ou a mulher da sua concepção da unidade do sujeito cristã nos dois níveis ou estados do ser divino e do ser humano, a idéia já estava esboçada em Inácio de Antioquia, sendo que o *toketos* é um dos mistérios fundamentais do cristianismo.

A maternidade não significa simplesmente uma relação natural. O sujeito gerado é uma pessoa, do mesmo modo que é uma pessoa o sujeito gerado. Desse modo, surge na concepção e no nascimento uma relação pessoal entre a mãe e Filho.

Por meio da encarnação, o Logos é portador pessoal das duas naturezas e o princípio de sua unidade³⁷. Por isso, o nascimento do Filho de Deus feito homem não cria primariamente uma relação biológica e natural entre Jesus e Maria, mas uma relação pessoal. Assim, na relação com Jesus, Maria não é primariamente o princípio biológico da existência humana e corpórea de Jesus. É, antes, a mãe de uma pessoa que subsiste na natureza humana e na divina, o que significa o Logos das naturezas distintas que são puramente a ação da graça do Pai criador por ação do Espírito Santo no ventre materno de Maria.

Deve-se dizer que o logos nascer realmente como ser humano, sofreu como ser humano e, em seu ser humano, assumiu sobre si inclusive a morte. O próprio Deus é sujeito da história da autocomunicação divina que acontece via humanidade de Jesus³⁸.

Não se pode dizer, portanto, que Maria engendrou um homem que tem em sua natureza humana, uma relação filial com Deus, mas que estaria unido de uma maneira meramente extrínseca com a relação filial eterna do logos na realidade trinitária divina. A relação filial eterna do Logos subsiste na relação do ser humano Jesus com Deus e a sustenta. Não há, portanto, em Jesus Cristo dois filhos, mas o filho único de Deus em sua natureza humana e em sua natureza divina. Em fim, o dogma da maternidade divina de Maria se esclarece no mistério salvífico de Cristo.

³⁷ MULLER Gerhard. *Dogmática Católica, teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Editora vozes, 2014, p. 355.

³⁸ BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p.106.

2.4 Maria Mãe da Igreja

O título, mãe da Igreja não é novo na sua reflexão doutrinal, na forma como foi solenemente proclamado, ele é devido a Paulo VI que, ao encerrar os trabalhos não fáceis da terceira fase conciliar, declara “para a glória da virgem e para o nosso consolo, proclamamos Maria santíssima “mãe da Igreja”, isto é, de todas puras de Deus, tanto dos fieis quanto dos pastores... e queremos que, com este suavíssimo título, a virgem seja de agora em diante ainda mais honrada e invocada pelo povo cristão”³⁹.

Esse título, na verdade não sendo novo, LG 53, retoma quase literalmente um texto de Bento XIV⁴⁰, “havia implicitamente declarado que Maria é mãe da Igreja, ‘Instruída pelo Espírito Santo, honra Maria com afeto de piedade filial como mãe amantíssima”. E, para excluir qualquer ambiguidade filial ai subjacente, o texto conciliar demonstrar o seu intuito doutrinal por meio das seguintes palavras: “plenamente mãe dos membros de cristo” (LG 53), “mãe de Cristo e mãe dos homens, principalmente das fieis”. (LG 54).

O fundamento bíblico- dogmático de tal maternidade, não especificada como o fez o apóstolo Paulo, atribuído para abranger todo o povo cristão e até todo genro numa o ficava assegurada pelos seguintes trechos “concebendo Cristo, gerando-o, nutrindo-o, apresentando-o ao Pai no templo, sofrendo junto com filho moribundo na cruz, cooperou de modo verdadeiramente na obra do salvado em a obediência da fé, a esperança, a caridade ardente”. Por isso, ela foi para nós mãe na ordem da graça (LG 61). Essa maternidade na economia da graça perdura interruptamente, a parte do consentimento que (Maria) fielmente prestou na anunciação e que confirmou ao pé da cruz sem “recitação” até a perfeição perpetua de todos os eleitos. De fato, assunta ao céu, não abdicou desse ofício salvífico, mas com sua múltíplice intercessão continua a alcançar-nos os dons da eterna salvação. Com sua materna caridade cuida dos irmãos do seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldade, até que sejam conduzidos à pátria celeste (LG 62). E ainda, “Junto aos quais (freis) coopera com amor materno, para gerá-los e educá-los” (LG 63, 65, 67 e 69).

Existe uma ligação entre Gn 3,15 e Ap 12,1-18 e pela interpretação , fundamentada de Maria como arquétipo da Igreja: ela primeiramente mãe de Cristo, nele, entanto , ela é

³⁹Paulo VI, alocução de 21.11.1964.

⁴⁰ Bento XIV , Bula “gloriosae dominae”, in H. Maria, *doctrina pontifica IV: documentos marianos*. BAC Madrid, 1954, p.131.

também mãe de todos are Ap 12,17 aponta com a expressão “O resto da sua descendência. Estes, cuja vida cristo possui radical frontalmente, são portanto filhas dela, Maria é mãe deles.

A relação que vai de Maria à Igreja encontra o seu fundamento na causalidade exemplar pela qual uma é arquétipo da outra; há transcendência e na supereminência que distinguem Maria de todos os outros membros da Igreja, mesmo sem alijá-la do contexto da pertença comum à mesma, na singular participação da mãe junto ao filho, que nela realiza o mistério da Igreja ainda antes que esta exista historia e fisicamente. Por esse motivo, pois, e segundo LG 55, é licito estabelecer Maria “excesso filha de Sião” (Sl 3, 14-17) não só uma ligação com Israel (Lc 1,28-33, Jo 19, 25-27, Ap 12), mas também a instauração daquela economia que para o evangelista Lucas é ao mesmo tempo a arca da nova aliança, o templo do Espírito Santo, o lugar do redentor e da sua salvação. Sob esse aspecto, Maria realiza uma tipologia tão clara e pertinente que se torna “O ícone escatológico da Igreja”⁴¹.

A ampliação da maternidade de Maria para abranger os fiéis é uma ampliação do bíblico fundamental, que explicitamente no-la apresenta somente como “mãe de Jesus” ou “mãe do Senhor” como diz Isabel em sua saudação (Lc 1,43). De fato o novo testamento fornece indicações e dados mais do que suficiente para justificar que se atribua a Maria maternidade espiritual efetiva em relação a todos aquele que pertencem, atualmente ou mesmo ainda só potencialmente ao “corpo de Cristo” que é a Igreja. Os dois textos marianos do Evangelho de João. O milagre das bodas de Caná (Jo2, 1-12) e a cena de Maria aos pés da cruz (Jo 19, 25-27), bem como Ap 12 “mulher vestida do sol, sirvam para confirmar a doutrina de uma maternidade “espiritual” estendida a todos os homens mas enraizada na sua maternidade “física” que a coloca em relacionamento única e exclusiva com cristo.

O concilio Vaticano II recordou a maternidade de Maria para com os homens (LG 62) na ordem da salvação (LG 61), perenemente operante (LG 62). O papa Paulo VI recorda várias vezes o sentido e a prece a essa verdade.⁴² Chega-se a promulgar a obra prima de pastoral e de fé mariana que é a *marialis cultus* (2.2.1974). Aqui se lê que Maria socorre materialmente os seus filhos. E mais ainda, “no batismo a Igreja prolonga a maternidade virginal de Maria” (Mc 19), “Maria colabora com materno amor na regeneração e na

⁴¹BOUYER L. *Le culte de La Mere de Dies*. Cheretogre, 1950, p.33.

⁴²Repete-o a profissão de fé do povo de Deus a 30.6. 1968, em *signum Magnum* (1967), no discurso de 16/4/1970 em Bonária.

formação espiritual de todos os fieis (Mc 28) ela é ao mesmo tempo “mãe de Cristo e mãe dos cristãos” (Mc 29 e 32)

Maria é, portanto modelo da Igreja no sentido que ela não se separa dos seus filhos seja qual for o nível de pertença deles à Igreja, mas coloca diante dos seus olhos uma luz de perfeita exemplaridade. É verdade que na fé que Maria teve e na sua orientação teológica a Igreja pode e deve espelhar a sua atitude de adesão a Deus. E o que declara LG 65 quando traduz o pensamento e a idéia de uma Igreja que a crescendo nas virtudes teologais na obediência à vontade divina, se torna cada vez mais semelhante ao sublime modelo de Maria.

Maria é garantia da verdadeira mãe de Jesus. Foi ela que Deus escolheu para que seu Filho recebesse toda a humanidade. A maternidade da Igreja há de ser hoje, como continuação da maternidade divina de Maria,⁴³ aquela que entregará do verbo a totalidade da humanidade crente. Portanto, Maria não teve a receber com Paulo nossa dignidade de irmãos de Jesus, filhos do Pai, e cordeiros com Cristo. Essa maternidade apontar para uma vocação se serviço atos e fecundo. Por outro lado, é uma maternidade que leva toda a Igreja a viver a paternidade do Pai.

Os Atos dos Apóstolos mostram como Maria exerceu sua missão no coração da Igreja. Intercedendo pela graça do Espírito (At 1, 14). O importante é entender que há hol. “dois projetos de redenção”, o de antes e o de agora, nem o senhor muda da economia salífica sem mais nem menos. Assim, quem nos liberta sempre foi e sempre será o mesmo Jesus Cristo. Algo semelhante deve ser dito da missão de sua mãe. Junto com a missão do filho permanece na historia da humanidade a maternidade salvífica de Maria. Isso quer dizer que a maternidade universal de Maria, coincide está presente na ação apostólica da Igreja. Com efeito, a maternidade de Maria teve espontânea e necessariamente a uma visão nova da vida; é raro de nos que ilumina, aquece alegria. Maria nos faz descobrir o sentido, o valor de serem os seus filhos e de nos tornarmos seus filhos cada vez melhor. Agir como filhos diante de Maria nos comprometem a ser como ela, a mudar o nosso modo de pensar, de amar, de agir. Significa ver nos homens os seus filhos, os meus irmãos, e assim, será mais fácil vivermos com eles compreendê-los, amá-los. Finalmente, a maternidade de Maria nos aproxima de Deus que é pai, que se fez irmão. Somos irmãos de Cristo desde que nos tornamos filhos de sua mãe.

⁴³ GONZÁLEZ Ignácio Carlos. *Maria evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: editora Loyola, 1990, P.307.

Conclusão

Maria é mãe de Deus e mãe da Igreja isso ficou claro aqui no segundo capítulo, tendo visto que o título “mãe” não aponta para um fim primariamente honorífico, mas para uma vocação de serviço ativo e fecundo. A teologia esclareceu esse assunto bem quando se fundamentou na bíblia para dizer que a maternidade de Maria há de nos levar a viver a paternidade do Pai. Nisso se percebe a clara relação entre a cristologia e mariologia, pois não se pode falar de Maria sem fazer referência a Cristo. Por isso mesmo que na evolução do dogma da maternidade divina, se discutiu antes a pessoa e natureza de Cristo para melhor definir a maternidade de Maria. Com efeito, a intervenção de Maria leva à aliança com seu Filho. Viu-se também como o concílio Vaticano II deu ênfase na cooperação de Maria na obra de redenção. embora não tenha um tratado específico sobre mariologia, ela concebida como a primeira cristã, alias, a mãe da Igreja, deu fundamento para *Lumen Gentium*.

No capítulo 8 do *Lumen Gentium*, o Concílio retomou a idéia da Igreja Antiga e salientou a significação permanente de Maria na economia da graça, fundamentou-a cristologicamente e desenvolveu-a eclesiologicamente. No entanto, Maria é também tio da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. Ao apresentar o tipo da Igreja como virgem em obediência e fé frente a Deus e como mãe de Jesus Cristo, coopera com materno amor na geração e formação dos fieis.

III CAPÍTULO

MARIA ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO

Introdução

Maria está à frente da evangelização da Igreja justamente porque foi ao redor de sua presença silenciosa, materna, orante, meditativa e contemplativa que os discípulos se sentiram convocados, unidos e reunidos para reler a missão de levar adiante, até os confins da terra, a Boa Nova que o Mestre e Senhor lhes ordenara. Foi assim que ela tornou possível a explosão missionária que se deu em pentecostes. Quando o Espírito Santo de Deus pairou sobre os apóstolos e juntos também a eles estava Maria.

Por outro lado, Maria é evangelizadora da Igreja em vários sentidos: primeiro porque historicamente participou no papel da mãe do início da Igreja e, portanto, da evangelização das nações, segundo, porque é, por sua maternidade, modelo e figura da Igreja; terceira, por sua vida evangélica, que é um testemunho vivo da doutrina do seu Filho. Essa missão evangelizadora de Maria realiza-se de inúmeras formas na Igreja. De um modo todo especial na liturgia, na oração privada, nos santuários marianos e na orientação da mãe de Deus na libertação dos povos.

3. Maria e a evangelização na Igreja primitiva

No segundo capítulo se viu como Maria foi a fiel colaboradora de Cristo. Essa mulher, agraciada por Deus, na sua relação materna se torna ao mesmo tempo evangelizada e evangelizante, colaborando com o anúncio do Evangelho o Cristo salvador do homem.

A sagrada escritura nos ajuda a compreender o papel evangelizador de Maria. Na anunciação, chega a Maria o Evangelho de profecias transmitido entre seu povo de geração em geração.⁴⁴ Maria acolhe o projeto de Deus apresentado a ela pelo anjo Gabriel. Com humildade e muita responsabilidade, Maria se torna a mãe do salvador (Lc 1, 38).

Visitando Isabel, Maria leva servidão e generosidade à casa de Zacarias. Isso se exprime pelo *Magnificat* que a torna anunciadora de misericórdia e reveladora das maravilhas de Deus. Também em Belém, o alegre anúncio, o evangelho da salvação, é transmitido pelos anjos, porém é Maria que traz, que o conserva, que o dá. A mãe de Jesus, põe no mundo o Salvador esperado há séculos. Envolve-o em panos, coloca-o em uma manjedoura, amamenta-o a, carrega-o consigo. E é ela quem lhe dará educação humana e fá-lo crescer na cultura dos pais.

Na apresentação ao templo, Maria obedece à lei: o primogênito é de Deus. No templo há alguém que está esperando a salvação humana, no templo também que se faz a revelação dele como “luz das nações”. Maria escuta, participa, porta, porta no coração o mistério de dor que lhe é revelado (Lc 2,34-35). Lembra-se como no relato segundo Mateus que fala sobre a fuga para Egito, onde Maria junto com José e o filho percorrem um longo caminho na fuga para o Egito.

No templo, com Jesus aos doze anos, Maria o encontra e o censura amarguradamente. Mesmo assim, Maria aceita, a vontade de Deus na vida do seu filho. Justamente por isso que ela conserva “todas as coisas no seu coração” (Lc 2, 51). No mistério de Nazaré, Maria é mestra e Jesus que, mais tarde, revelará a Maria a sua infinita sabedoria. E a virgem estará como sempre à escuta: da Escritura, do anjo, dos acontecimentos de Cristo que lhe fala. Assim também em Caná ela se preocupa com os esposos a ponto que Jesus realiza o primeiro milagre, nascendo a alegria da casa.

No auge do drama da redenção, ou seja, no calvário, Maria sofreu junto com o seu filho aos pés da cruz. Jesus confia a ela o apostolo que ele o ama e os apostolo que “Maria

⁴⁴ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p.501.

amará”. Também João foi entregue a Maria. Este gesto indica claramente como surge a maternidade e a nova afiliação.

Com a Igreja primitiva se encontra Maria e os discípulos em oração no cenáculo (At 1,15). Não era só oração, os apóstolos procuram o sucessor de Judas, que seria Matias, o substituto de Judas. Nesses poucos episódios, se vê claramente que Maria é inserida na obra evangelizadora de Cristo e da Igreja.

Maria é modelo de fé para a Igreja. Nos primeiros séculos do cristianismo insistiu-se na identidade entre Maria e Igreja⁴⁵. O seu grande amor pelo mistério da Igreja-mãe, só se compreende a partir do grande amor que havia pela mãe terrestre do Salvador. Com efeito, na Igreja primitiva, conhecia-se mais claramente e com mais entusiasmo o mistério segundo o qual a palavra de Deus, ao apresentar os traços de Maria virgem-mãe, no-la apresentava como a “figura de recapitulação” da Igreja-mãe.

A vocação de Maria não foi ordenada somente à maternidade messiânica (Lc1, 30-33), pois já na visitação ela atua como a “protomissionária” e antecipa a Igreja dinâmica “consagração no Espírito- missão apostólica”. A razão de ser Maria e da Igreja é a receber a Cristo para anunciá-lo ao mundo. A Igreja olha para Maria como ponto de referência para os povos e para a humanidade interna⁴⁶. Maria precede a Igreja como grande sinal (Ap 12,1), como “a estrela da evangelização”, ou seja, mãe missionária. A Igreja se sente identificada com Maria na missão universal, pois ela foi a primeira evangelizada e se torna também a primeira discípula, a primeira missionária na visitação à sua prima Isabel, anunciada a boa nova ao levar Cristo no seu ventre para proclamá-lo como o Messias Salvador e Redentor⁴⁷. Com efeito, Maria é a mãe da Igreja evangelizadora, uma vez que Jesus ao dizer do alto da cruz “mulher, eis teu filho” e “eis tua mãe” (Jo 19, 26-27) quis manifestar o mistério de uma missão salvífica especial. Jesus quis mostrar que não se caminha sem uma mãe que é missionária.

⁴⁵ IWASHITA Pedro, Maria na nova Evangelização in: *Atualidade Teologia*, Rio de Janeiro, v.46, jan/abr-2014, p.118.

⁴⁶ DAp 268.

⁴⁷ IWASHITA Pedro, Maria na nova Evangelização in: *Atualidade Teologia*, Rio de Janeiro, v.46, jan/abr-2014, p.118.

3.1 Maria à luz do concílio vaticano II

O Concílio Vaticano II, celebrado pela Igreja católica com a presença de seus Bispos e pastores e com a participação de representantes das outras Igrejas separadas, pode ser considerado o concílio ecumênico que difundiu o documento doutrinal mais significativo e orgânico sobre a bem-aventurada virgem Maria. O capítulo VIII da constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium* (LG) se dedica a Maria uma vez que o mistério de Maria, além de ser considerado em relação a Cristo salvador, também é visto em relação à Igreja. Isto aparece nos parágrafos 52 a 69 – com o intuito de redescobrir a identidade e a missão do povo de Deus, evidenciando a relação profunda entre a virgem Maria, que é modelo e exemplo da Igreja. É visto como membro de destaque da Igreja, ocupando lugar tão especial em sua doutrina. O magistério conciliar trabalhou para apresentar uma exposição doutrinal sobre o papel de Maria na obra de Cristo e na vida eclesial.

No Capítulo 8 da (LG) , o Concílio Vaticano II buscou relacionar Maria ao tema principal do concílio, a Igreja, com intuito de aproximar-se nova cultura bíblica e histórica que inspiraram as discussões conciliares. O concílio dedicou um capítulo da constituição Dogmático sobre a Igreja –*Lumen Gentium*- à virgem Maria, com o título “A Bem Aventurada virgem Maria mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”. O título sugere estreita relação de Maria com Jesus e a Igreja, desta forma, o concílio inseriu a teologia marial na linha principal da verdade da fé, tirando-a do isolamento⁴⁸. A LG coloca Maria na esfera da comunhão dos santos, cuja oração e exemplo encorajem e daí esperança à Igreja terrestre⁴⁹.

O Concílio insistiu no caráter ecumênico, ressaltando a mediação exclusiva de Cristo. A centralidade de missão redentora está em Jesus Cristo e não Maria. O Concílio destacou Jesus como nosso único intercessor. Todavia a função de Maria como nossa mãe não reduz a mediação única de Jesus Cristo, mas demonstra sua eficácia⁵⁰. Maria é vista como membro sublime da Igreja e o modelo de vida de fé. O Concílio Vaticano II, ao inserir Maria via LG- o documento sobre a Igreja- declarou profunda mudança na mariologia. Maria não é mais vista

⁴⁸ COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012 p.43.

⁴⁹ Ibidem. p.45.

⁵⁰ Ibidem. p.51.

com um isolamento esplendido, mas está incluída como membro de destaque na Igreja enquanto paradigma para a vida peregrina de fé da Igreja⁵¹.

O capítulo VIII da LG divide-se em cinco partes: o proêmio, a função da Bem Aventurada na economia da salvação, a Bem Aventurada virgem e a Igreja, o culto da Bem Aventurada virgem na Igreja, sinal de esperança e de consolação para o povo de Deus peregrinante. O proêmio- parágrafo 52 a 54 – afirma que mistério da salvação é revelado e estendido na Igreja, o corpo de cristo. Na Igreja, os fieis aderem a cristo e a todos os seus santos, venerando primeiramente a memória da virgem Maria. (Cf. LG 52)

A virgem Maria é reconhecida e honrada como mãe de Deus e do redentor. Ela é redimida de maneira privilegiada devido aos méritos de seu filho Jesus, possui a dignidade de mãe de Deus filho, possui maior dignidade de que todas as criaturas. Todavia, está unida à linhagem de Adão, acompanhada de todos os seres humanos que devem ser salvos (Cf. LG 53).

A segunda parte- função da Bem Aventurada virgem na economia da salvação, parágrafo 55 a 59- como o próprio titulo sugere, fala sobre o papel de Maria na economia de salvação. Jesus o Filho de Deus, assumiu de Maria a natureza humana a fim de libertar o ser humano do pecado, através do mistério da encarnação. Os santos padres destacam a fé livre e obediente de Maria, que não foi um objeto passivo nas mãos de Deus (Cf. LG 56).

Maria se manifestou no iniciou da vida publica de Jesus, nas bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11). Ela participa duplamente da família de Jesus: pela carne e pelo sangue e também pela escuta da Palavra do Senhor. Jesus afirma que o reino de Deus está acima dos laços familiares, dizendo que são felizes os que ouvem a palavra de Deus (cf. Mc 3,35, Lc. 11, 27-28), assim como Maria fazia também (cf., Lc. 2,19-15). Maria evoluiu no itinerário da fé e manter-se unida com seu filho até a crucifixa (cf. Jo 19,25) (cf. LG 58).

Concluída sua vida terrestre, a virgem Maria por ter sido preservada do pecado original, foi elevada ao céu em corpo e alma, e declarada pelo Senhor como rainha do universo, com o muito de aproximar-se plenamente do seu filho Jesus (cf. LG 59). A terceira parte- a Bem Aventurada virgem e a Igreja, Parágrafos 60 a 65, afirma que a função de Maria não ofusca a mediação única de cristo, uma vez que ele é o único mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5-6). Entretanto, Maria cooperou de maneira ímpar na obra da salvação

⁵¹ FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 303.

para resgatar a vida de todos (cf. LG 61). A Igreja declara que Maria possui uma função subordinada a Cristo e incentiva o amor dos fiéis a ela com o intuito de que se aproximem mais de Jesus (cf. LG 62).

A virgem Maria é vista como a figura da Igreja, porque pela sua obediência e sua fé gerou o Filho de Deus na terra (cf. LG 63). A Igreja alcançou em Maria a perfeição de ser isenta de mancha e ruga (cf. Ef 5, 27). Os fiéis esforçam-se em crescer na santidade, desvencilhando-se do pecado e olhando para Maria resplandecente diante da comunidade dos cristãos como modelo de virtudes. Ele possui e transparecem as exigências da fé, quando ela é exaltada e honrada, ela atrai os fiéis para Jesus, para o sacrifício dele e o amor de Deus pai (cf. LG 65).

A quarta parte- o culto da Bem Aventurada virgem na Igreja, parágrafos 66 e 67- afirma que por ser mãe de Deus, por ter participado dos mistérios de Cristo, a Igreja honra Maria de maneira especial, pois ela foi exaltada pela graça de Deus acima de todos os anjos e de todos os seres humanos, estando logo abaixo de seu filho Jesus (cf. LG 66). O concílio incentiva o culto litúrgico à virgem Maria e exorta os teólogos e pregadores a não descuidarem da pregação, com o intuito de não cometerem o exagero, nem o minimalismo quanto à Maria. Devem esclarecer as funções e os privilégios de Maria, sempre referentes a Cristo (LG 67).

Na última parte Maria, sinal de esperança certo e de consolação para o povo de Deus peregrinante, parágrafos 68 e 69- é afirmado que Maria encontra-se glorificada em corpo e alma no céu, que é imagem e primícias da Igreja que atingirá sua perfeição nos tempos futuros. Esperando o dia do Senhor, Maria brilha como sinal de esperança e consolação, para o povo de Deus (cf. LG 68).

Como o capítulo VIII da LG pretendeu-se propiciar não um tratado orgânico e completo de mariologia, nem dirimir questões ainda discutidas entre os teólogos, mas simplesmente oferecer uma síntese teológica da doutrina mais segura à luz da revelação, guiada por sensibilidade cultural e religiosa correspondente aos tempos modernos e relida dentro da perspectiva da história da salvação, para que a Igreja inteira tivesse um quadro perfeito de todo mistério de Maria. Portanto a pessoa de Maria e a sua missão, assim como estão estritamente unidos a Cristo, também estão unidas à Igreja. Desta, Maria constitui o membro inicial e já perfeito, e o seu mistério se torna incompressível quando considerado fora ou isolado da Igreja. De fato, com Maria, encerram-se os tempos da espera da sinagoga, judaica e abrem-se os da economia salvífica da Igreja de Cristo.

3.2 Maria nas conferências episcopais latino americanas

As conferências episcopais da América latina e do caribe são um tempo de graça, chamado de um novo pentecostes, pois através de Espírito santo, os cristãos deste continente têm a oportunidade de refletir sobre a ação evangelizadora⁵².

As conferencias episcopais Latino Americanos, fundamentadas na vida pastoral, na espiritualidade e na doutrina da Igreja, procuram em Maria auxilio, força entusiasmo e direcionamentos de cristo ajuda a reconstruir as vias pastorais dos povos, retomando aspectos inerente à identidade cristã. Uma vez que ela é um verdadeiro ícone do discipulado e um modelo de ação evangelizadora de libertação a serviço dos pobres, pequenos e oprimidos.⁵³

Na conferência do Rio de Janeiro, realizada em 1955, devido às grades mudanças localizados no continente, havia necessidade de responder-se aos profundos desafios da evangelização. Nesta ocasião, com o intuito de preservar a fé católica na América Latina e a vocação apostólica do continente, a confiança foi depositada na “Imaculada virgem Maria, mãe de Deus, Rainha da América”, incentivando os párocos a promoverem o desenvolvimento espiritual dos fieis através da devoção à santíssima virgem a mãe e Rainha do continente Latino-americano⁵⁴.

Tomamos como ponto de partida que o discípulo nasce do encontro e da contemplação da face do Cristo vivo. Como nos recordou João Paulo II, na Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, "o encontro com Jesus Cristo vivo é o ponto de partida de toda ação pastoral. O encontro vital com o Senhor nos introduz nas dimensões mais profundas da vida". Puebla (1992) nos recorda que toda a existência de Maria se realiza na plenitude da comunhão com Jesus. Em consonância com o plano divino, nela todas as coisas se voltam para Cristo, em íntima dependência. "Ela deu seu sim a esse desígnio de amor. Aceitou-o livremente na anunciação e foi fiel à palavra dada até o martírio do Gólgota. Foi a fiel companheira do Senhor em todos os caminhos. A maternidade divina levou-a a uma entrega total. Foi uma doação generosa, cheia de lucidez e permanente, unida a uma história de amor a Cristo íntima e santa, uma história única que culmina na glória".

⁵² LORO, Tarcísio Justino. Maria nas conferências episcopais latino-americana, in: *Reveleiteo- revista Electronica Espaço Teológico* (on-line), 2007. Disponível em <<http://revista.puc.br/index.php/reveleiteo/article/6732/4874>>. Acessado em 15 de outubro de 2015.

⁵³ Ibidem, p 38

⁵⁴ Ibidem, pag.38

Maria foi aquela que, em primeiro lugar, teve a graça de contemplar o rosto do Cristo. Nessa contemplação, ela encontrou a razão mais profunda de sua fé. Contemplar o rosto de Cristo é um caminho para a descoberta do seu mistério, ponto constante de referência para a ação do discípulo. É, antes de mais nada, uma ação da graça, como recorda a Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (20). Maria abriu caminho para a visibilidade do rosto de Deus. Por meio dela, Deus adquiriu um rosto, a ponto de Jesus assim proclamar: "Quem me vê, vê o Pai." (Jo 14,9.)

Diante do mistério que se lhe revelava, Maria meditava a Palavra e os acontecimentos e guardava todas essas coisas em seu coração. "É a discípula perfeita que se abre à Palavra e se deixa penetrar por seu dinamismo", afirma o Documento de Puebla 296. Entre outras razões, é esse um forte apelo para compreendermos porque Maria "é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé" (Puebla 296). "Quando não a compreende e fica surpresa, não a repele, ou põe de lado; medita-a e conserva-a (cf. Lc 2,51). E quando a Palavra lhe soa dura aos ouvidos, persiste confiadamente no diálogo de fé com Deus que lhe fala; assim na cena do encontro com Jesus no Templo, assim em Caná, quando seu filho a princípio rejeita sua súplica (cf. Jo 2,4).

Em Maria, a fé se expressa e resplandece "como dom, abertura, resposta e fidelidade". Fé a ponto de ter a coragem de "subir ao calvário e associar-se à cruz, como a única árvore da vida. Pela sua fé é a Virgem fiel em quem se cumpre a bem-aventurança maior: "feliz aquela que acreditou" (cf. Lc 1,45) (Puebla 296).

Sem dúvida, a Mãe de Jesus entregou-se totalmente à missão do próprio Filho. Por isso, podemos dizer que Maria traduz na sua vida os sinais que identificam a verdadeira discípula. Maria foi discípula de seu Filho. Suas atitudes e seu comportamento sempre remetem ao Mestre. Ela é sinal do Mestre. Ela ecoa o Mestre. É a memória viva do Senhor, por sua palavra: "Fazei tudo aquilo que ele vos disser."

Maria conduz a própria vida pela novidade do Evangelho. Em sua boca, se reproduz todo o projeto de seu Filho. O Magnificat é o grande sinal do projeto de vida de Jesus. Maria é verdadeira discípula, porque entende que o projeto de Jesus é levado à frente pela Igreja, em comunidade. Junto com os Apóstolos, ela assume a responsabilidade de agir como Igreja que nasce para continuar a missão de seu Filho. Em espírito de comunhão e participação, Maria levou ao máximo sua intimidade com o Cristo e sua cooperação na obra da salvação, de forma criativa e ativa, sem alienações e passividades.

"Ela, associada a Cristo, desenvolve todas as suas capacidades e responsabilidades humanas, até chegar a ser a nova Eva juntamente como o novo Adão. Maria, por sua livre cooperação na nova aliança de Cristo, é junto a ele protagonista da história. Por esta comunhão e participação, a Virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da Trindade, louvando a glória de Deus e intercedendo pelos homens" (Puebla 293).

Maria entende sua maternidade não apenas pelo aspecto carnal, mas como discípula que acolhe a missão da Igreja enquanto um chamado pessoal a serviço do Reino. Maria viveu seu discipulado, sem se limitar à pessoa de seu Filho, mas acolhia os discípulos em comunhão fraterna. Podemos dizer que ela entendeu profundamente que sua missão, como discípula, a conduzia a uma comunidade que recebeu a tarefa de refazer constantemente a escuta da Palavra e a partilha do pão: "Os olhos dos discípulos se abriram no partir o pão..., na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém" (Lc 24, 31).

Com certeza, tinha consciência de não ser apenas escolhida para ser a Mãe do Senhor, mas de ser também enviada como missionária. Partiu para as montanhas, para visitar sua prima Isabel. O mandamento do Senhor – "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20,21-22) – ecoou profundamente em seu coração.

Maria não agia em seu nome, mas em nome da própria Igreja, da Igreja nascente. Sentia-se parte dos enviados – "Eu sou a videira, vós sois os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muitos frutos" (Jo 15,5). Como discípula, Maria também não teve medo diante das dificuldades da missão. Teve coragem de enfrentar junto com Jesus o caminho da cruz. Sua presença viva no meio da comunidade foi sinal permanente de seu compromisso de vida com a comunidade.

Assim, o povo latino-americano contempla Maria como "serva do Senhor" e modelo de serviço eclesial. "Em Caná, está atenta às necessidades da festa e sua intercessão provoca a fé dos discípulos que 'acreditam nele' (Jo 2,11). Todo serviço que Maria presta aos homens consiste em abri-los ao evangelho e convidá-los a obedecer-lhe: 'Fazei o que vos disser' (Jo 2,5)." (Puebla, 300.) Esta consciência está presente na vida de nossos povos.

A partir da idéia de Paulo VI, de que o mais importante é "evangelizar não de maneira decorativa como se se tratasse de um verniz superficial" (*Evangelii Nuntiandi*, 20), mas "no fundo, na raiz, na cultura do povo", a Igreja encontra em Maria "a estrela de evangelização

sempre renovada". A Igreja, afirma Puebla (303), "volta-se para Maria para que o Evangelho se torne mais carne, mais coração na América Latina".

Na conferência de Medellín (DdM), realizada em 1968, como intuito de aplicar-se o conteúdo do concílio vaticano II, visando transformar a realidade do continente Latino-Americano, foi sublinhada a dimensão profética, o compromisso com os pobres e com a libertação cristã. Maria foi como mãe da Igreja que assistiu a esse continente desde a sua primeira evangelização⁵⁵.

A conferência de Puebla (DP), de 1979, com o tema "A evangelização no presente e no futuro da América Latina," afirma que o cristão é gerado a partir do modelo mariano tal que para cada cristão se repete a constante anunciação à Maria. O nascimento de um cristão se dá através da palavra. No seguimento de seu modelo, novos filhos são gerados pelos dons do Espírito Santo em responder aos apelos do Senhor⁵⁶.

Na conferência de Santo Domingo (DSD), de 1992, focada na nova evangelização, na promoção humana e na cultura cristã, é acolhido o dom da maternidade de Maria com o compromisso de amá-la de maneira como o seu filho a amou. São João Paulo II, no discurso inaugural da conferência chamou-a de Estrela da Evangelização. No início do documento, Deus é agradecido pelo dom da fé e pelos seus dons de misericórdia, fazendo com que se reunissem num novo cenáculo, em torno a Maria. Afirma que Maria é a realização da santidade da Igreja, e a santidade é algo primordial para nova evangelização⁵⁷.

Santo Domingo ainda afirma que Maria é a primeira redimida e a primeira mulher de fé, plenamente evangelizada, mais perfeita discípula e evangelizadora. Ela é modelo para os discípulos e evangelizadores pelo seu testemunho de oração, escuta da Palavra e disponibilidade ao serviço. O povo latino americano reconheceu mais facilmente sua dignidade de filhos e filhas de Deus, auxiliados pelo papel de mãe, Maria santíssima, a educadora desse povo. Ela antecedeu o seu povo na peregrinação de fé e na caminhada rumo a glória e acompanha seus filhos até que se encontrem com seu filho Jesus (cf. DSD 15).

⁵⁵ LORO, Tarcísio Justino. Maria nos conferências episcopais latina americana, in: *Reveleleo- revista Electronica Espaço Teológico* (on-line), 2007. Disponível em <<http://revista.puc.br/index.php/reveleleo/article/6732/4874>>. Acessado em 15 de outubro de 2015.

⁵⁶ *Ibidem*, p 41

⁵⁷ *Ibidem*, p 42

A conferência de Aparecida (DAP) de 2007, destacando o âmbito do discipulado e missionariedade dos cristãos, retoma ação missionária da Igreja Latino-Americana.⁵⁸ As conferências que convergiram para o discipulado missionário. Em Puebla foi visto que o Evangelho apresenta a virgem Maria como a sua máxima realização. Desde a sua primeira aparição em Guadalupe, a virgem é a presença materna e misericordiosa que está próxima de Deus Pai e de Jesus Cristo e convida o seu povo a estar em comunhão com eles. Maria motiva à união dos homens e dos povos. Os outros santuários marianos na América Latina também são pontos de encontro de fé da Igreja com a história do povo latino americano (cf. DP 182).

Nos locais carentes de atenção pastoral, a piedade mariana é o vínculo que relaciona os fieis à Igreja (cf. DP 284). Os fieis veem a Igreja como uma família que tem Maria como mãe e a Igreja assim confirma, dizendo que: “Maria é o modelo perfeito do cristão, a imagem ideal da Igreja” (cf. 285). Maria é o grande modelo quanto à relação que ela tem com Cristo. Sua existência se dá a partir da plena comunhão com seu filho Jesus. Ela foi a companheira fiel de Jesus em todas os seus caminhos, doando-se totalmente (cf. DP 292). Ela é colaboradora da obra de Cristo, é cooperadora da nova aliança de Cristo. Através desta comunhão e participação, “a virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da trindade louvando a glória de Deus, intercedendo pelos homens” (DP 293).

Através do batismo os seres humanos tornam-se autênticos filhos de Deus e Maria desperta a todos para isso. Através de sua maternidade, cresce nos homens a fraternidade, fazendo com que a Igreja sinta-se uma grande família (cf. DP 295). A virgem Maria é modelo de serviço para a Igreja Latino-Americano, pois ela se fez a serva do senhor. O seu serviço direciona-se à abertura do Evangelho e o convite ao seguimento de Jesus: “fazer tudo o que ele vos disser” (cf. DP 300).

Na conferência de Aparecida destaca-se que Maria é a mais perfeita discípula de Jesus, ela é a expressão máxima do seguimento cristão. É modelo de fé (cf. Lc 1,45), de obediência aos desígnios do Senhor (cf. Lc 1, 38) e de profunda meditação da palavra e de gesto de Jesus (cf. 2, 19.51). Ela é a primeira entre a comunidade dos fieis, inclusive colaborando com fortalecimento espiritual dos discípulos. É seguidora consciente do Evangelho. Viveu plenamente a fé enquanto mãe de Jesus e dos discípulos (cf. DAP 266).

Maria é personagem singular na história da salvação, acompanhou Jesus até sua crucifixão. E neste momento, Jesus a oferece, a pessoa de João, como mãe dos discípulos.

⁵⁸ Ibidem, p 43

Esperou com eles a vinda do Espírito santo ”perseveraram na oração com algumas mulheres, entre as quais, a mãe de Jesus” (At 1, 14). Portanto, ela trabalhou para o surgimento da Igreja missionária (cf. DAp 267).

É Maria é a missionária por excelência, ela continua a missão de Jesus e forma novos missionários. Por exemplo, em Guadalupe (no México) ela trouxe a presença da Boa Nova de Jesus a América. Desta forma, as comunidades se inspiram-se nela e desta proximidade tornam-se discípulos e missionários de Cristo (cf. DAp 269).

Maria ensina que o discípulo missionário deve escutar a Palavra de Deus e meditar sobre ela. “conservava todas estas recordações e as meditava no coração (cf. Lc 19. Lc 2,5)”. Deixa-se conduzir pela Palavra, fazendo com que os seus pensamentos estivessem em sintonia com os pensamentos de Deus e do mesmo modo ocorre com seu agir, isto, é de acordo com o Senhor (DAp 271). É também modelo de caridade, ao perceber as necessidades de seus filhos como fez nas bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12). Com sua atitude, indica que os discípulos de Jesus devem ser repletos de gestos de atenção, serviço, doação e gratuidade (cf. DAp 272).

Ela testemunha em sua vida os sinais que a identificam como discípula de seu filho. Seu comportamento e suas atitudes sempre se referem a Jesus. A virgem Maria guia sua vida pelo Evangelho. Produz em sua fala o projeto de Jesus. Quando ela canta o *magnificat*, ecoa o projeto de vida do Senhor. É plena discípula, pois compreende que o intento de Jesus é continuado pela Igreja. Unida aos apóstolos Maria age como Igreja que se origina para continuar a missão de Jesus. A santíssima virgem viveu intimamente com o Senhor e cooperou de maneira singular na obra da salvação.

A virgem Maria é o modelo pleno do cristão evangelizado e evangelizador. Teve a experiência da fé, respondeu à vocação do discípulo que acredita e mantém sua fidelidade a Jesus, inclusa na comunidade dos apóstolos. Participou da contemplação e do compromisso da missão de Jesus até o calvário.

3.3 Devoção Mariana na Igreja

A exortação apostólica *Marialis cultus* (Mc)⁵⁹ aborda um desenvolvimento de uma mariologia de acordo com os princípios da *Lumen Gentium*. Paulo VI destaca que "a devoção à Maria de Cristo se origina e assume eficácia, em Cristo encontra completa expressão e por

⁵⁹ Promulgado por papa Paulo VI no ano 1972.

meio de Cristo, no Espírito, conduz ao Pai.” (Mc introdução). O papa exorta aos fiéis revisarem suas devoções marianas, atentando para quatro diretrizes: linhas bíblicas, litúrgicas, ecumênicas e antropológicas a fim de evidenciar o vínculo do ser humano com Maria, através da comunhão dos santos (cf. Mc 29). A veneração à Maria deve ter um fundamento bíblico para que a devoção esteja de acordo com a revelação (cf. Mc 30). As devoções precisam estar de acordo com o tempo litúrgico, fazendo com que elas se inspirem na Eucaristia e auxiliem o povo para que retornem à mesma (cf. Mc 31). Devem favorecer a centralidade do mistério pascal, evitando quaisquer exageros que não fazem parte da doutrina da Igreja católica (cf. Mc 32). É imprescindível que se faça uma abordagem antropológica no intuito de orientar a doutrina e a devoção para que estejam em equilíbrio com os elementos do tempo e espaço vividos.⁶⁰

A devoção mariana de nossos dias deve oferecer uma ocasião não a única, supostamente- para responder ao mal estar que a ampla metade dos cristãos, que são mulheres, experimenta no seio de um cristianismo que se configurou em contexto e culturas fundamentalmente masculinos e que deixou que suas estruturas e mediações de todo tipo reflitam demasiado os condicionamentos desse contexto⁶¹. Com efeito, a devoção mariana vitaliza a dimensão eclesial. Por outro lado uma verdadeira devoção mariana deve refletir os elementos essenciais da vida cristã e, portanto, as dimensões teológicas, cristológicas, pneumatológicas e eclesial que constituem a riqueza cristã⁶². Por fim, as devoções marianas deverão ser, mais do que objeto de obrigações que se assumem, expressões festivas de gozosa vivência da fé que reflitam a fé daquela que chamam bem-aventurada todas as gerações.

É digno de nota que a devoção mariana é fato pluriforme dentro do complexo e pluriforme fato cristão.⁶³ Portanto, o primeiro critério para a validade de suas formas é a coerência com o conjunto do fato cristão, a sintonia da essência com suas leis estruturais e com seu estilo. Lembre-se também de que a virgem Maria ocupa lugar singular na liturgia da Igreja católica, até mesmo, segundo Paulo VI “a piedade da Igreja para com a virgem Maria é elemento intrínseco do culto cristão” (Mc 56). Portanto, o culto mariano deve ser fundamento

⁶⁰COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012, p.57.

⁶¹FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p.404.

⁶² Ibidem. p. 407

⁶³ Ibidem. p. 408.

na celebração anamnética das “maravilhas de Deus”, entre as quais se inclui o grande evento salvífico da encarnação do Verbo, evento que se concretizou em Maria sem esquecer que a ideia central é a legitimidade do culto mariano na exata medida de sua cristocentração.⁶⁴

As devoções populares à Maria tem uma marca da característica cultural.⁶⁵ Isso não descaracteriza seu valor religioso, mas exige um espírito lucido a fim de evitar manipulações e manter a autenticidade de seu núcleo. Os evangelizadores têm a tarefa de ajudar o povo a compreender que as “nossas senhoras” são diferentes expressões da mesma e única Maria, glorificada junto de Deus e membro da comunhão. Os presbíteros e bispos devem discernir sobre as devoções existentes e rejeitar aquelas que são utilizadas com finalidades questionáveis, atentam contra o bom senso ou se distanciam da centralidade de Jesus⁶⁶.

⁶⁴ BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004, p.115.

⁶⁵ Murad Alfonso. *Maria toda de Deus e tão humana; compêndio de mariologia*. São Paulo. Paulinas e editora santuário, 2012, p.208.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 209.

Conclusão

Nota-se que a Igreja, enviada para evangelizar o mundo, tem hoje consigo a imagem de Maria que, ao término do Concílio Vaticano II, foi declarada mãe da Igreja e proposta como norma de vida; é a imagem de Maria mestra de oração, apresentada por Paulo VI na *Marialis cultus*. Maria é, pois, imagem e protótipo da Igreja não só na maternidade, na virgindade, no amor a Cristo e ao homem, na vida espiritual, mas também através da sua ação de mestra de vida será simultaneamente modelo e tipo da Igreja evangelizante. É claro que Maria na sua plenitude de graça é estrela que ilumina o Evangelho. Maria fala com a sua santidade, demonstra a verdade e a eficácia da Palavra na sua vida, ensina a crer, a acolher e responder, humildemente, generosamente, em plenitude. Além de esclarecer a evangelização, Maria ajuda quem leva a mensagem e quem recebe, colaborando para fazer viver o Evangelho. Para quem evangeliza, Maria continua a ser sinal e penhor de fidelidade e de fecundidade na fé, porque a sua presença no seio da Igreja é de constante intercessão, a fim de que o Espírito do Senhor continue a acompanhar a oferta e a resposta inseridas na evangelização, e a oração de Maria é sempre ouvida, por isso, a ela a devoção.

CONCLUSÃO GERAL

O trabalho procurou identificar as principais características de Maria como modelo evangelizador da Igreja através da Sagrada Escritura, da Tradição e da missão.

Na Sagrada Escritura, através da análise de algumas perícopes, destacam-se algumas características de Maria, como modelo para toda a Igreja, tais como: sob o contexto da Nova Aliança Maria responde livremente a Deus e abandona-se completamente aos seus desígnios, colaborando totalmente com a ação salvífica de Deus, uma fé plena - ativa e obediente aos desígnios do Senhor, caridade, disposição à missionariedade, alegria, humildade, simplicidade, fidelidade, resignação. Maria vive de forma modesta e humilde, não se preocupa com honrarias, vantagens ou privilégios, mas busca fazer a vontade de Deus. Manifesta a preciosidade de sua vida vivendo por amor a Cristo e a seus irmãos.

O verdadeiro discípulo de Jesus ouve a Palavra, conserva-a e produz frutos na perseverança (Lc 8,15). Maria é a mais perfeita discípula de Jesus. Ela escuta e acolhe o projeto de Deus, isso é evidente na perícopa da Anunciação (cf. Lc 1,38). Na anunciação, Maria é a representante da humanidade e é chamada a dar seu consentimento à Encarnação do Filho de Deus. Ao longo de sua vida, nem sempre entende os desígnios de Deus, porém guarda-os em seu coração (cf. Lc 2,19.51). Ela aprende com os fatos da vida, acolhe de maneira ativa a Palavra em seu coração, produzindo frutos na fé (cf. Lc 1, 42). Maria é exaltada não apenas por sua maternidade física, mas porque ouve a Palavra de Deus e a pratica - “felizes antes são os que ouvem a Palavra de Deus e a praticam” (Lc 11,28).

Maria, ao ser chamada por João Evangelista de “Mulher”, representa a comunidade cristã. Aquela que tem a fé madura, que é perseverante mesmo nos momentos difíceis, tais como a paixão e morte de Jesus. Ela é a mãe da comunidade dos discípulos amados pelo Senhor. Maria, ao ser chamada de Mãe de todos os discípulos, é apresentada aos seres humanos com relevo. Através do amor e a fé da Igreja sustenta a vida dos discípulos e os encoraja, inclusive no sofrimento, à confiança e esperança. Todos os discípulos são impulsionados pelo Espírito Santo a compreender profundamente o que havia sido dito a respeito de Maria, a fim de avançarem no entendimento de sua missão, profundamente ligada ao mistério de Cristo.

Na tradição da Igreja, Maria é mãe de Deus e ao mesmo tempo mãe da Igreja. É mãe dos cristãos na fé. Seu perfil devocional deve ser cultivado de modo que a relação com ela deve ser viva, uma vez que está mais próxima de Jesus e também da própria Igreja. Maria se

compadece com os pobres e sofredores, que no seu amparo encontram a verdadeira maternidade. O povo cristão vê em Maria a capacidade de comunicar a alegria originada da esperança, mesmo que em meio aos desafios da vida.

Tratando-se do tema Maria e missão, a Virgem possui um papel singular na obra da salvação. Há uma profunda relação entre ela e a Igreja. O Concílio Vaticano II apresenta Maria como membro da Igreja. Dedicando o capítulo VIII da Constituição da Igreja, *Lumen Gentium*, o Concílio Vaticano II indica como Maria supera sua dimensão histórica e abre-se à dimensão universal da humanidade. Dez anos depois do Concílio Vaticano II o papa Paulo VI escreve uma Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, tratando do culto à Virgem Maria e fala da importância de Maria enquanto mulher, isto é, em sua dimensão antropológica. Depois, João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Mater* destaca através de reflexões doutrinárias a importância de Maria no ministério de Jesus Cristo e também de sua presença na Igreja, uma vez que desde o início da Igreja, na comunidade primitiva (cf. At 1,14), Maria anima os fiéis com sua presença e seu testemunho de vida. Maria ensina os seres humanos a viverem em comunhão e unidade (cf. At 1,14), promovendo a paz.

Ainda neste tema é abordada a importância de Maria na Igreja latino-americana, onde é tão venerada pelo seu povo, fazendo-se um apanhado dos documentos conclusivos das Conferências Latino-Americanas e do Caribe, em que é apresentada Maria como modelo de discipulado e como consequência dessa afirmação torna-se também modelo de missionária.

Maria é vista como a realização plena da nova humanidade, que responde ao chamado de Deus, tornando-se uma forma de esperança para todos os seres humanos. Maria exorta o seu povo a confiar plenamente em Deus, pois ela mesma vive a esperança em sua vida. Ela sempre conservou a esperança no cumprimento das promessas messiânicas de Jesus, mesmo nos momentos mais críticos de sua vida. Maria ensina a confiar e esperar em Deus, abandonando-se às promessas do Senhor. Ensina, também, a sair em missão em busca dos que sofrem por estarem longe do caminho proposto por seu Filho ou ainda aqueles que sofrem por dependerem de outros que ainda não acolheram o evangelho de Cristo. Conclui-se dizendo que Maria é o perfeito modelo evangelizador da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

REFERENCIAS CONSULTADAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

AUTRAN Maria Aleixo. *Maria na Bíblia*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

BOFF Clodovis. *Introdução à mariologia*. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2004.

BOUYER L. *Le culte de La Mere de Dies*. Cheretogre, 1950.

COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012.

FIORES Stefano De e MEO Salvatore (dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

GONZÁLEZ Ignacio Carlos. *Maria evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: editora Loyola, 1990.

LACOSTE Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Edições Loyola e Paulinas, 2004

MULLER Gerhard. *Dogmática Católica, teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Editora vozes, 2014.

MURAD Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana, compendio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas e editora Santuário, 2012.

MURAD Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FONTES MAGISTERIAIS

BENTO XIV. Bula “gloriosae dominae”, in H. Maria, *doctrina pontifica IV: documentos marianos*. BAC Madrid, 1954.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja. in *Compêndio do Vaticano II*. 29ª Ed. Petropolis:Vozes, 1991, p. 37-117.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. São Paulo: Edições Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documento de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1968.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documento de Puebla*. México: edições Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documento de Santo Domingo*. Santo Domingo: Edições paulinas, 1992.

PAULO VI. Exortação apostólica *Marialis Cultus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

ARTIGOS

IWASHITA Pedro, Maria na nova Evangelização in: *Atualidade Teologia*, Rio de Janeiro, v.46, jan/abr-2014.

LORO, Tarcísio Justino. Maria nos conferências episcopais latino-americanas, in: *Reveleto- revista Electronica Espaço Teológico* (on-line), 2007. Disponível em <<http://revista.puc.br/index.php/reveleto/article/6732/4874>>. Acessado em 15 de outubro de 2015.